



45 ANOS DE CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: UMA ENTREVISTA A JOÃO WANDERLEY GERALDI

Por Aquiles Tescari Neto e Karin Vivanco (editores)

Os editores da CEL — Aquiles Tescari Neto e Karin Vivanco — temos a satisfação de celebrarmos as “bodas de diamante” de nossa revista, entrevistando alguns ilustres colegas de nosso departamento (o DL), colegas esses que, ao longo desses 45 anos de nossa revista, dedicaram-se à importante tarefa de editor do periódico de nosso departamento. Hoje temos a satisfação de entrevistar o professor João Wanderley Geraldi, que foi o primeiro editor do periódico, fundado em 1978.

O professor Geraldi tem graduação em Letras e em Ciências Jurídicas e Sociais. O mestrado e o doutorado em Linguística foram obtidos aqui na UNICAMP, onde obteve também o título de livre-docente em Análise do Discurso e, posteriormente, a titularidade, essa última em 2003. Foi professor visitante em universidades brasileiras e no exterior. Interessa-se pelos seguintes temas: análise do discurso, estudos bakhtinianos e ensino de língua portuguesa. Dentre as muitas contribuições na forma de artigos, capítulos de livros, livros e coletâneas organizadas, é autor do livro “Portos de passagem”, um livro bastante lido e citado, publicado em 1991 pela Editora Martins Fontes.

É nosso prazer, enquanto editores atuais do periódico, entrevistar o professor Geraldi e com ele reviver um pouco da história de sua importante passagem pela nossa revista.

Querido Wanderley, muito obrigado por nos presentear e por presentear os leitores de nossa revista com esta entrevista que tanto nos honra! É uma satisfação brindar os nossos leitores com uma entrevista ao nosso primeiro editor!

***Editores CEL:** Para iniciar, gostaríamos que você nos contasse como foi a experiência inicial na equipe editorial da então recém-fundada “Cadernos de Estudos Linguísticos”, em 1978. Seria possível trazer alguns detalhes daquele momento histórico “fundador”? Você pode, por exemplo, falar, se lembrar, dos objetivos que os fundadores tinham em mente à época. Pode também inclusive relatar algumas das primeiras experiências, das expectativas e da recepção do público de linguistas quando o(s) primeiro(s) volume(s) da CEL foi(ram) publicado(s).*

João Wanderley Geraldi: Gostaria de iniciar agradecendo aos atuais editores da **Cadernos de Estudos Linguísticos** por esta oportunidade de rememorar um passado desconhecido por muitos, esquecido por outros.

O primeiro número dos **Cadernos** (1978) foi resultado do esforço do colega Prof. Dr. Ataliba de Castilho, que o organizou e conseguiu a impressão pela Imprensa Oficial do Estado. Alguns exemplares foram distribuídos, mas a maior parte ficou em estoque no

SIARQ, ao qual ele estava ligado. Quando ele foi para o exterior, deixou como seu procurador o Prof. Dr. Rodolfo Ilari. Em um dia qualquer de 1980, o Ilari me falou que entre as muitas coisas que lhe deixara o Prof. Ataliba, estava a questão dos Cadernos Linguísticos e me pediu que eu assumisse esta tarefa, liberando-o deste compromisso. Também numa tarde qualquer, mesmo estando eu ausente, o Ilari deixou sobre minha mesa uma caixa (de sapatos) com alguns cartões com endereços, e dois conjuntos de ofícios-formulários, um em inglês e outro em espanhol. Em ambos era anunciado o surgimento da revista, com uma diferença. Em inglês, encaminhava-se um exemplar da revista; em espanhol fazia-se campanha de assinatura.

Já por efeito da intervenção na Unicamp, realizada pelo governador Maluf, respondia pela direção do IEL o Prof. Dr. Jesus Durigan, dado o afastamento determinado pelo governador do diretor, Prof. Dr. Carlos Franchi. Com o material na mão, fui ao gabinete do Prof. Jesus para trocar algumas ideias sobre a continuidade da publicação dos **Cadernos**. Ele me falou que havia sido publicada, por editora comercial, o primeiro volume da revista **Remate de Males**, do Departamento de Teoria Literária. Tínhamos duas revistas, publicadas há dois anos, sem continuidade. Desta reunião surgiu a criação do Setor de Publicações que passei a coordenar e nele permaneci por 11 anos.

O objetivo das revistas seria publicar os trabalhos realizados pelo corpo docente do IEL, aceitando colaborações de outras universidades. Estávamos nos começos dos programas de pós-graduação em Linguística. No IEL recém começava o doutorado (1981). Havia revistas já tradicionais na área (por exemplo, a revista Letras da UFPR e a revista Alfa, esta desde 1962), mas também havia inúmeras revistas que surgiam e desapareciam em seus primeiros números. Eram inícios. Basta lembrar que Filologia e Linguística Portuguesa, da USP, surgirá somente em 1997; a revista DELTA, da PUC-SP é de 1986. Mantido o mesmo objetivo de dar a conhecer a produção científica do Instituto e de outras instituições brasileiras, quatro questões se colocavam para o Setor: 1. Periodicidade; 2. Continuidade; 3. Financiamento; 4. Circulação.

A periodicidade foi decidida pelos departamentos: a **Cadernos de Estudos Linguísticos** seria semestral; a **Remate de Males** seria anual. A continuidade da revista dependeria crucialmente das duas outras questões, mas era algo que deveria estar sempre presente para não cairmos na vala comum das revistas que emergem e morrem.

Tendo publicado apenas um número, e sem continuidade, não poderíamos fazer uma campanha de assinaturas, que resolveria tanto o financiamento quanto a circulação. Trabalhamos em três frentes distintas

1. Criamos uma rede de distribuição com auxílio de amigos, ex-colegas de mestrado, e colegas professores de outras instituições. Eles aceitavam receber 5 exemplares, vendiam em sua universidade e faziam o pagamento com cheque a favor da FUNCAMP. Graças a estes colegas e sua abnegação, conseguimos estabelecer um fundo que foi permitindo publicar os números seguintes;
2. Usamos o estoque das revistas para propormos intercâmbio com outras revistas, similares ou não, de universidades do mundo inteiro (quando me retirei do Setor, a Unicamp recebia mais de 700 títulos de revistas, nem todas da nossa área). Quando um colega viajava para o exterior, lá estava eu pedindo que levasse exemplares da revista e tentasse contato para aumentar o intercâmbio. Este intercâmbio justificou inúmeras vezes a liberação de recursos pela Reitoria, principalmente para o pagamento dos correios já que nossas revistas beneficiavam vários outros institutos;
3. Quando conseguimos estabilizar a periodicidade das revistas, iniciamos uma campanha de assinaturas que acabaram por financiar os custos de material e

impressão. À medida que aumentava o número de assinaturas, íamos encerrando o trabalho voluntário dos colegas que vendiam as revistas em suas universidades.

Fizemos um acordo com a gráfica da Unicamp, de modo que com recursos das revistas fornecíamos o papel, as matrizes off-set (ainda era a tecnologia disponível), o papelão para as capas e muitas vezes nos responsabilizávamos pelo pagamento de horas-extra de funcionários da gráfica. Isto garantiu a impressão das revistas e sua periodicidade (obviamente, muitas vezes atrasamos um semestre ou mais). À época, a revista que tinha maiores dificuldades de manter a periodicidade era a **Remate de Males**.

Nos inícios ainda publicamos, a pedido do Diretor do Instituto, três livros: **Sobre a estruturação do discurso** (organizado por Eni Orlandi, 1981), **Noites na Taverna e Macário** (de Álvares de Azevedo, com trabalho de edição de Marisa Lajolo).

Por iniciativa da Profa. Maria Lúcia Dall'Farra (e do grupo de professores da área de Literatura Portuguesa), surge uma terceira revista – **EPA: Estudos Portugueses e Africanos**. Esta foi a única revista que não sobreviveu, embora tenham sido editados mais de 10 volumes. A Profa. Maria Lúcia desligou-se da Unicamp (foi para a UFSE), e com isso perdemos a grande liderança da EPA. Mantivemos ainda por alguns anos, mas infelizmente não tivemos forças para continuar.

Quando o Departamento de Linguística Aplicada quis publicar um livro com produção científica de seus membros, tivemos um encontro com os organizadores sugerindo que iniciassem a revista **Trabalhos em Linguística Aplicada**, pois o material do livro já daria os primeiros dois números da revista e eles teriam um veículo permanente de publicação. Aceita a ideia, surge mais esta revista.

Quando me afastei da função de coordenador do Setor de Publicações, publicávamos com periodicidade três revistas: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, *Remate de Males* e *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Todas elas tinham assinantes e mantínhamos um intercâmbio muito significativo com outras instituições.

Já quando diretor do IEL (1995-1997), propusemos ao Coordenador da Pós-graduação, Prof. Dr. Sírio Possenti, a criação do Seminário de Teses em Andamento. A ideia inicial era estabelecer um espaço de trocas entre os estudantes dos vários programas de pós (mestrados e doutorados), de modo que as sessões abrigassem estudantes dos diferentes programas. O Prof. Dr. Sírio Possenti assumiu, junto com os demais coordenadores, a realização do evento. Destes eventos resultou mais uma revista, a **SÍNTESE**. Não sei se o evento continua a existir e se a revista continua a circular.

Enquanto a revista **Remate de Males** era temática, a cada número um organizador se responsabilizando por seu conteúdo, os **Cadernos** e os **Trabalhos** não eram temáticos (embora tenha havido muitos números específicos organizados por colegas com temática relativa a suas áreas, além de ter havido, até minha saída, dois números em homenagem a colegas, um dedicado a Arion Dall'Igna Rodrigues e outro a Carlos Franchi). A **Cadernos**, de modo geral, tinha material suficiente entregue pelo corpo docente do departamento (às vezes fizemos algumas traduções autorizadas por autores estrangeiros ou professores visitantes). A **Trabalhos em Linguística Aplicada** tinha uma comissão editorial muito atuante, que entregava ao Setor a revista pronta.

A edição das revistas era feita no Setor. Quem vier a manusear os números iniciais verá que tudo era datilografado. Somente mais tarde conseguimos uma máquina Composer que deu um estilo menos improvisado às revistas. Quando deixei a Coordenação tudo já era digitalizado.

O serviço de intercâmbio era feito por mim, usando uma máquina de escrever, uma Olivetti, em minha sala de docente, normalmente às sextas para não prejudicar os colegas que comigo compartilhavam a sala. Depois, conseguimos uma sala do Instituto para

sediar o Setor, com funcionários fixos, o primeiro deles foi o João Alexandre, seguido pelo Luís e depois pelo Esmeraldo (suponho que os três estejam aposentados).¹ Quando deixei a coordenação, estava na direção do Instituto o Prof. Dr. Rodolfo Ilari. Recebi na Congregação, para meu uso, a máquina de escrever Olivetti, manual, que usei durante 11 anos. Obviamente a máquina ficou no Instituto quando me aposentei e deve ter sido recolhida como material inútil no mundo da informática.

***Editores CEL:** Ao longo desses 45 anos de história, houve, sem dúvidas, intensa contribuição da revista aos estudos linguísticos. Em linhas bem gerais, quais as contribuições mais notáveis — em sentido geral — de um periódico como a CEL aos estudos linguísticos?*

JWG: A contribuição de uma revista para o desenvolvimento dos estudos linguísticos no Brasil é difícil de ser avaliada. Certamente ela fez circular produtos de pesquisa e de reflexão. Divulgou ideias. Fez surgirem outros estudos. Suas contribuições mais notáveis se confundem com aquelas que o próprio Departamento desenvolveu. Certamente áreas como a Fonologia, a Sintaxe (chomskyana), a Psicolinguística e Aquisição da Linguagem, a Análise do Discurso, a Semântica Argumentativa tiveram na **Cadernos** um espaço de divulgação de pesquisas, de debate de ideias.

Paradoxalmente, um dos motivos que me fez sair da Coordenação (que exigiu criar um Setor, desenvolvê-lo, incentivar colegas a publicarem, ocupar-se diuturnamente de três revistas diferentes e trabalhar pela suas circulações e sobrevivências) foi um levantamento que realizei em programas de cursos (da graduação e da pós) e em dissertações e teses defendidas para verificar quantas vezes as revistas apareciam nas referências bibliográficas. Dentro do próprio Instituto, era como se as revistas não existissem. Este levantamento acabou sendo publicado em um dos números da revista (número 24, em que narro um pouco a história da revista, organizado pela Profa. Eleonora em homenagem ao trabalho que realizei como coordenador). Para mim, foi decepcionante ter dedicado tanto tempo às publicações e não as ver valorizadas no próprio Instituto que as publicava. Espero que esta situação tenha se alterado.

***Editores CEL:** Hoje, a realidade editorial nacional é bastante distinta da que tínhamos em 1978, quando ainda contávamos com pouquíssimos periódicos na área de Letras e Linguística. Como você avalia a situação (e a participação) de revistas mais tradicionais de Linguística — como é o caso da CEL — diante de um cenário em que há um número considerável de revistas de Linguística, praticamente na mesma proporção de programas de pós-graduação da área?*

JWG: Distante da academia há duas décadas, não tenho condições de avaliar o contemporâneo. Certamente há muitas revistas. As exigências postas pelos órgãos de fomento sobre o corpo docente de publicar, publicar, publicar fez surgirem muitas revistas. Tantas que foi necessário avaliá-las, dar-lhes nota... Nossa revista é já uma revista tradicional, e terá seu espaço garantido à medida que os programas de pós-graduação mantiverem seus prestígios. Surgiram muitas revistas on-line. Sou do tempo em que o contato com o papel tinha importância. Folhear o livro tem algo de quase sensual

¹ O Setor de Publicações do IEL conta ainda com o apoio do funcionário Esmeraldo Armando dos Santos. Os editores da CEL — Aquiles Tescari Neto e Karin Vivanco — somos muito gratos por poder contar com o apoio deste excelente e experiente profissional. [Nota dos editores da CEL.]

para mim. As novas gerações preferem a tela. Depois de aposentado, escrevi livros e artigos. Alguns destes artigos foram publicados em revistas que somente têm edição digitalizada, disponível on-line. Não os li, não os vi e nem os verei. Felizmente estou livre de acrescentar linhas ao Lattes.

Uma curiosidade: o parecerista de meu último relatório de atividades salientou que minhas publicações não eram todas em revistas bem qualificadas no tal QUALIS. Antigamente, era o nome dos autores que davam qualidade a uma revista. Parece que a lógica se inverteu, e a revista passou a qualificar os autores. Nossa revista teve e tem qualidade porque publicou e publica bons textos de excelentes pesquisadores.

***Editores CEL:** A CEL se notabiliza por ser um periódico de Linguística Geral, trazendo, ao público leitor, artigos das mais diversas áreas dos estudos linguísticos. Havia, na época em que a CEL foi fundada, uma tendência aparentemente maior em valorizar o pluralismo teórico no campo dos estudos linguísticos. Como você olha para um periódico plural, como a CEL, hoje?*

JWG: Continuo a defender a pluralidade, principalmente a pluralidade teórica. Resistimos ao Séc. XX, que foi o século do especialista. Hoje, mais do que nunca, quando até as chamadas ciências duras buscam caminhos, por que uma revista que se dedica, no fundo, à linguagem, deveria restringir-se a um aspecto da linguagem ou a uma teoria? Durante o século passado, certos estudos eram considerados pouco científicos (por exemplo, os estudos bakhtinianos foram por muito tempo considerados menores). Hoje, quando a própria ciência se redefine, seria pouco salutar uma revista definir uma única linha teórica. Num departamento, seria decretar seu fim.

***Editores CEL:** Olhando para o futuro, como você vê a participação da CEL na produção de conhecimento no campo dos estudos linguísticos?*

JWG: A revista faz circular conhecimentos. A circulação destes conhecimentos levanta questões, produz debates, revisões, retomadas e avanços. Esta sua importância. Não acompanho mais a CEL (nem sei a partir de que número deixei de ser membro da Comissão Editorial, porque não fui informado sobre isso. O convite para esta entrevista me informou que fui da primeira comissão editorial, de modo que outras a sucederam. Concordo com a decisão de mudarem, mas não fui sequer informado que deixava de ser membro da comissão editorial), mas penso que a revista poderia acolher um debate sobre ciência do ponto de vista epistemológico. Junto com Bakhtin, penso que os estudos da linguagem fazem parte de uma heterociência e os resultados de nossos estudos não devem ser medidos com parâmetros hoje em desuso inclusive nas chamadas ciências duras.

Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, 29 de julho de 2023.